

Ministros informarão até reservas aos candidatos

José Roberto Serra

Beatriz Abreu

BRASÍLIA — A definição oficial dos candidatos ao segundo turno das eleições presidenciais provocará uma alteração na rotina da área econômica. Os Ministros da Fazenda, Mailson da Nóbrega, e do Planejamento, João Batista de Abreu, já montaram um esquema de fornecimento de dados à equipe de assessores dos presidenciáveis. Estão dispostos a fornecer até o secretíssimo nível de reservas para os candidatos, com o compromisso de não divulgação.

Nestes contatos será estabelecido um diálogo para a compreensão dos problemas porque passa o país. E será dado um recado: qualquer sobressalto a esta altura do processo eleitoral terá reflexos diretos na condução da política econômica deste e do próximo governo. Ou seja, Mailson e João Batista demonstrarão que, a partir de agora, a responsabilidade da estabilização da economia é, também, dos candidatos e de suas assessorias.

Os dados disponíveis, analisados friamente, dão a indicação de que o país se encontra com uma forte deterioração no nível das suas receitas e com a inflação beirando o patamar perigoso dos 50% nos próximos meses. Não faltarão análises sobre as mudanças introduzidas na Constituição, responsáveis, este ano, por um impacto nas contas públicas de cerca de 3% do Produto Interno Bruto (PIB). Um passo em falso colocará por terra o esforço que a equipe econômica do Governo Sarney comemora: o de ter evitado o descontrole da economia na primeira fase do período eleitoral.

Reservas — A abertura dos dados prometida pelo Ministério da Fazenda revelará a disposição da atual equipe de não esconder qualquer tipo de informação. Há uma grande especulação atualmente entre os especialistas sobre qual é

exatamente o nível de reservas cambiais do país. A decisão tomada esta semana de permitir depósitos no Banco Central com correção cambial demonstra que o governo quer estancar a queda das exportações, que mina ainda mais as reservas.

A escassez de reservas pode comprometer o início do próximo governo porque sem folga para importar nenhum plano de estabilização pode ser feito. Além disso o país do novo presidente enfrentará os credores numa situação delicadíssima: com poucas reservas estará mais frágil para radicalizar com os bancos credores a quem estará devendo juros atrasados da ordem de US\$ 5,2 bilhões.

Inflação — A situação da economia interna não é menos conturbada. Afinal, o país poderá suspender a barreira dos 40% de inflação mensal já em novembro. Em dezembro certamente haverá uma aceleração. O governo espera conter uma alta excessiva administrando a concessão de alguns aumentos. "Sempre se tenta empurrar os aumentos" reconhece um importante assessor. O que se por um lado tira alguns pontos da inflação atual, aumenta as pressões a serem herdadas pelo eleito.

O dado mais preocupante é o da dívida interna. Neste final de governo, o Banco Central tem praticado juros altíssimos como única forma de evitar a fuga dos US\$ 60 bilhões do overnight para outros ativos, como ouro e dólar no paralelo. A dívida concentra a atenção dos candidatos e do próprio Governo. Afinal, uma declaração desastrosa de qualquer um dos candidatos poderá precipitar uma fuga dos títulos públicos, ponto inicial da temida hiperinflação. Por isto na equipe de Mailson e João Batista todos torcem pelo sucesso das conversas que devem começar já entre os assessores dos candidatos que vão agora para o segundo turno.



Mailson: disposto a não esconder dados